# Sem a mulher indígena **não há futuro**

Rostos, vozes e sonhos das mulheres indígenas da Amazônia

Hivos people unlimited

TODOS OS OLHOS NA AMAZÔNIA

Este álbum foi desenvolvido por Hivos no âmbito do programa Todos os Olhos na Amazônia, com o apoio da Loteria Popular do Reino Unido.

O uso desta publicação para fins educacionais e outros fins não comerciais é autorizado, desde que a fonte seja citada. A reprodução total ou parcial para venda ou outros fins comerciais é proibida.

Todos os Olhos na Amazônia
Contato: info@toamazonia.org
Instagram: @hivosamazonia
Site: www.alleyesontheamazon.org
Plataforma de Aprendizagem: www.toamazonia.org

Equipe HIVOS
Paula Bernardi
Karina Melo
María Moreno de los Ríos
Eliana Rojas
Nora Sánchez Luzardo
Ester Oliveira
Carolina Zambrano-Barragán

Sistematização e Edição
Nora Sánchez Luzardo

Desenho
Ana Vivanco

Créditos das fotos
Alessandra Zumpano, 2019
Mídia Índia, 2021
Ana Mendes, 2021
Nay Jinknss, 2021

Agradecimentos especiais para as vozes de:
Nemo Andy
Lineth Calapucha
Tabea Casique
Maisa Guajajara
Sônia Guajajara
Violeta Irey
Alexandra Narváez
Nemonte Nenquimo
Vanessa Racúa
Telma Taurepang
Edilena Torino
Sandra Tukup

e a todas as mulheres indígenas amazônicas por sua luta constante.

Foto: Nay Jinknss, 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

# APRESENTAÇÃO

Este fotolivro é uma compilação de fotografias e entrevistas realizadas por Hivos, no âmbito do programa Todos os Olhos na Amazônia, a mulheres indígenas da Bacia Amazônica com ênfase em lideranças do Equador, Peru e Brasil, durante as Marchas de Mulheres Indígenas, em Brasília (2019, 2021), e em outros espaços virtuais e presenciais de intercâmbio.

Por meio dessas imagens e citações, buscamos ampliar as vozes, perspectivas, sonhos e estratégias das mulheres indígenas para responder às ameaças enfrentadas pelos povos indígenas na Amazônia, revitalizar o papel das mulheres na preservação da cultura e no cuidado com o território, e para unir países, nacionalidades e culturas e, assim, fortalecer os processos de defesa territorial da Bacia Amazônica.

Embora as perspectivas expressas pelas mulheres citadas neste livro mereçam maior análise e aprofundamento, suas palavras servem de inspiração para fortalecer os esforços coletivos para proteger a Amazônia e os direitos dos povos indígenas que ali vivem.

# AMEAÇAS

A defesa dos direitos humanos e territoriais dos povos indígenas amazônicos tem sido uma luta incansável e permanente. Mas para as mulheres indígenas, o desafio é ainda maior.

Extração de madeira, mineração, extração de petróleo, invasões, apropriação de terras (grilagem)... A chegada da indústria extrativa aos territórios indígenas e rurais traz uma série de problemáticas ambientais, econômicas e sociais para as comunidades que neles vivem. Entre esses problemas, por exemplo, se observa um aumento nos casos de abuso sexual, tráfico de pessoas e outras formas de violência de gênero, sendo as mulheres indígenas as mais afetadas. Além disso, como principais provedoras de água e alimentos para suas famílias, as mulheres são as primeiras a sentir as consequências da falta de disponibilidade desses recursos devido à crise climática e de saúde.

Ao levantar a voz diante da destruição de suas terras, as mulheres indígenas enfrentam sexismo, discriminação e rejeição, tanto dentro como fora de suas comunidades; no entanto, a resiliência e a luta das mulheres indígenas persistem apesar desses desafios.[1]

Foto: Nay Jinknss, 2021

Melo, K. (2020) "Mulheres indígenas e crise climática, vulnerabilidades e contribuições fundamentais"
https://toamazonia.org/mulheres-indigenas-e-crises-climatica-vulnerabilidades-e-contribuicoes-fundamentais/?lang=pt-br

Foto: Nay Jinknss, 2021

*"Todos os povos indígenas vivem sob ameaças. A ameaça das empresas petrolíferas, a ameaça de que elas querem vir para a nossa terra e destruí-la. Nós não vamos permitir isso, enquanto mulheres indígenas".*

**[Equador] Nemonte Nenquim**o, ativista indígena e cofundadora da Alianza Ceibo, na primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"Tem sido um momento muito difícil [referindo-se à pandemia de COVID-19], o fato de que ninguém pode sair, que as pessoas podem ser infectadas. Infelizmente, perdemos irmãos e irmãs em nossas comunidades".*

**[Peru] Vanessa Racúa,** Líder da Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD), em entrevista a Hivos via Zoom, 7 de janeiro de 2021

*"Petróleo, mineração, extração de madeira... para o Estado, todo tipo de exploração é desenvolvimento, mas para nós, povos indígenas, exploração é genocídio".*

**[Equador] Lineth Calapucha**, vice-presidente da nacionalidade Kichwa de Pastaza, durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

Foto: Nay Jinknss, 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

*"O desmatamento afeta o clima, afeta nossos rios, está matando a natureza. Por exemplo, agora não está chovendo muito [em nosso território], anos atrás, chovia muito nessa época. E todos nós, povos indígenas que lutamos por nossos territórios, ficamos tristes ao ver o rio secar, ao ver essas grandes empresas destruindo a natureza, destruindo rios e destruindo nascentes. Se nós, indígenas, não estivéssemos cuidando da floresta, acho que o planeta não duraria muito".*

**[Brasil] Maisa Guajajara,** Guardiã da Floresta, em entrevista via Zoom com Hivos, 07 de janeiro de 2021

*"Os governos não têm políticas para enfrentar as mudanças climáticas. Nós ouvimos, vemos o desmatamento acontecendo, a exploração madeireira, as invasões em terras indígenas, e isso não só acaba com a vida da população indígena, mas também afeta as mudanças climáticas. A crise climática afeta a vida indígena e a vida do planeta. A população indígena continua sofrendo esses ataques e os povos indígenas lutam para que essa destruição não chegue aos nossos territórios, mas ela está cada vez mais próxima. Estamos pagando um preço alto pela ambição dos não indígenas".*

**[Brasil] Telma Taurepang,** Coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) em entrevista via Zoom com Hivos, 11 de janeiro de 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

*"Nossa riqueza é nossa cultura, nosso banco é nossa terra, nossa natureza. Não queremos mais desmatamento ou caminhões dentro das nossas comunidades sem consulta prévia. Eles [governantes] nunca nos chamam para uma reunião, eles nos usam politicamente, colocando as agendas dos povos indígenas em segundo plano".*

**[Peru] Violeta Irey,** Liderança da Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD) durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

*"As mulheres e os povos Indígenas, a partir de nossa experiência vivendo há mais de 1500 anos nesta terra, sabem que os recursos naturais devem ser extraídos com responsabilidade porque são necessários para viver, mas o homem branco e seu sistema capitalista que busca mais dinheiro, não entende que não se deve explorar todos os recursos".*

**[Brasil] Telma Taurepang,** Coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) em entrevista via Zoom com Hivos, 11 de janeiro de 2021

Foto: Midia India, 2021

# MULHERES INDÍGENAS AMAZÔNICAS

Ser indígena, mulher e defensora da terra significa estar exposta a várias formas de violência. Mulheres e meninas indígenas sofrem discriminação, exploração, sexismo e também são desproporcionalmente afetadas pelas mudanças climáticas.

No entanto, elas são guerreiras. As mulheres indígenas amazônicas têm uma ligação profunda com a natureza (Mãe Terra). Na verdade, a própria floresta é percebida pela maioria das culturas amazônicas como uma mulher fértil e abundante, uma grande mãe que acolhe todos os seres em seus braços.

Por isso, as mulheres indígenas têm um papel ancestral na conservação da natureza, pois entendem que a defesa da Amazônia não se limita à proteção do território, mas sim à defesa da cultura e à revitalização de seus saberes ancestrais e cosmovisões.

Somos muitas, somos múltiplas, somos mil-lheres, cacicas, parteiras, benzedeiras, pajés, agricultoras, professoras, advogadas, enfermeiras e médicas nas múltiplas ciências do Território e da universidade. Somos antropólogas, deputadas e psicólogas. Somos muitas transitando do chão da aldeia para o chão do mundo.[1]

1 Trecho do Manifesto da Marcha das Mulheres Indígenas (2021). Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) https://anmiga.org/manifesto/

Foto: Nay Jinknss, 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

*"As mulheres indígenas amazônicas têm uma mentalidade diferente. Não vemos a floresta como um negócio. Para nós, a floresta é uma mãe. O rio vive ali".*

**[Peru] Tabea Casique**, Coordenadora de Educação, Ciência e Tecnologia da Coordenadora de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), em entrevista via Zoom com Hivos, 8 de janeiro de 2021

*"A floresta é nossa casa, nosso lugar, nossa farmácia. É a nossa fonte de vida. As mulheres sempre estiveram nas comunidades resgatando nossos hábitos, nossos remédios e plantas ancestrais, nós que temos as receitas dos remédios, somos nós que cuidamos para que os rios fiquem limpos para nos alimentar, para que as montanhas permaneçam limpas".*

**[Equador] Nemo Andy**, Dirigente de Mulher e Saúde na Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

Foto: Ana Mendes, 2021

*"Todas as mulheres indígenas foram limitadas por fronteiras impostas a nós por governos que não conhecem nossa realidade, nossos modos de vida, nossos costumes, nossa visão de mundo. Eles não entendem os povos indígenas e por isso nos separaram com essas fronteiras impostas."*

**[Equador] Lineth Calapucha**, vice-presidente da nacionalidade Kichwa de Pastaza, durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

*"As mulheres indígenas não suportam mais ver sua mãe [referindo-se à Mãe Terra] sendo explorada, não podem mais ver sua mãe ser estuprada, e por isso marchamos, por isso nos unimos às camponesas, às ribeirinhas, às indígenas, às urbanas, porque a Terra é a mãe de todos nós".*

**[Brasil] Sônia Guajajara**, Coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"Como mulheres, temos um grande papel a desempenhar. Vemos o trabalho que precisa ser feito na comunidade de acordo com o nosso projeto de vida."*

**[Peru] Vanessa Racúa,** Líder da Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD), em entrevista a Hivos via Zoom, 7 de janeiro de 2021

*"Nosso trabalho [referindo-se às guerreiras da floresta] envolve monitorar nosso território, além de conscientizar as pessoas, falar sobre a importância do meio ambiente e da natureza, e da nossa cultura, que é o principal".*

**[Brasil] Maisa Guajajara**, Guardiã da Floresta, em entrevista via Zoom com Hivos, 7 de janeiro de 2021

Foto: Nay Jinknss, 2021

Foto: Andressa Zumpano, 2019

*"Meu sonho é que as vozes das mulheres indígenas sejam ouvidas e levadas em consideração. Quando decidi fazer parte da guarda [da Comunidade Cofan de Sinangoe], recebi muitas críticas, porque as pessoas nunca tinham visto uma mulher liderando, uma mulher falando, uma mulher caminhando junto com os homens [no trabalho de monitoramento territorial]. Tem sido muito difícil, mas para mim é muito satisfatório, porque já vejo outras mulheres que também estão entrando na guarda. Afinal, elas sentem que elas também podem [ser monitoras]. Agora as mulheres sentem-se mais livres para falar, para dizer que também participam, que também têm ideias".*

**[Equador] Alexandra Narváez**, Guarda da Comunidade Cofan de Sinangoe, durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"Para mim, contar minha história como Guardiã da Floresta é muito comovente. Por sermos mães, sermos mulheres, e por sermos indígenas. Porque existe todo um preconceito contra nós, indígenas. E, sendo mulher, o preconceito é ainda maior. Mas a gente nunca desiste".*

**[Brasil] Maisa Guajajara**, Guardiã da Floresta, em entrevista via Zoom com Hivos, 7 de janeiro de 2021

*"Agradeço às mulheres mais velhas, líderes, às mulheres sábias por seus conhecimentos para que as novas gerações possam se empoderar. Para que? Para que a luta continue em nossos territórios".*

**[Equador] Lineth Calapucha**, Vice-Presidenta da nacionalidade Kichwa de Pastaza, durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

Foto: Nay Jinkings, 2021

# UNIÃO, LUTA E IRMANDADE

A pesar dos obstáculos, cada vez mais mulheres indígenas da Amazônia decidem honrar o espírito guerreiro de suas avós e enfrentam o perigo, sem recuar frente à ameaça da fome, da rejeição, da violência ou da morte. Movidas por sua profunda ligação com a Mãe Terra, são verdadeiras guardiãs de seus diferentes espaços de ação. Portanto, são guardiãs do lar, do território e do saber, tornando-se inevitavelmente guardiãs do planeta.

Essa maior notoriedade das mulheres indígenas amazônicas ganhou ainda mais força, graças à materialização de encontros como a Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília (MMI), evento que em sua segunda edição (setembro de 2021) reuniu mais de 5.000 mulheres representando mais de 170 povos de todas as regiões do Brasil, e contou com a participação de representantes de outros países latinoamericanos.

A Marcha, com o lema "Mulheres Originárias: reflorestando mentes pela cura da Terra", significou o encontro de mulheres de diferentes nacionalidades, povos e culturas, todas com a mesma convicção de que para salvar a Amazônia das consequências do desmatamento, mineração, extração de madeira e pandemia, não basta reflorestar os territórios, mas sim unir os povos e "reflorestar" o planeta com novos pensamentos e sentimentos, envolvendo todas nós em seu cuidado. Esta segunda edição foi a continuação de "Território: nosso corpo, nosso espírito", a primeira MMI (2019), que exigiu uma mudança de paradigma para entender que cuidar do território também significa cuidar de nós mesmas.

Assim, a Marcha materializa a união simbólica das mulheres indígenas e sua missão de proteger seus territórios para as gerações presentes e futuras, através da defesa do meio ambiente, nosso bem comum que garante os modos de vida indígenas não apenas como mero recurso físico, mas como o lar dos espíritos das florestas, animais e água, e a fonte do conhecimento ancestral.[1]

1 Retirado de Anúncio da ANMIGA, organizadora da Marcha das Mulheres Indígenas

Foto: Ana Mendes, 2021

Foto: Ana Mendes, 2021

*"Temos que valorizar nossas tradições, nossos conhecimentos. Dentro do mundo indígena, existe um conhecimento que não podemos perder e é por isso que nós lutamos. Para mim, o encontro com todas essas mulheres indígenas é muito importante, porque temos que nos apoiar entre as mulheres".*

**[Equador] Nemonte Nenquimo**, ativista indígena e cofundadora da Alianza Ceibo, durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"A irmandade entre as mulheres indígenas é muito forte, me sinto conectada a elas. O espaço que compartilhamos nos faz perceber que somos iguais. Podemos ser de países diferentes, mas temos os mesmos problemas territoriais. E as mulheres estão sempre na linha de frente, lutando pelos nossos territórios".*

**[Equador] Nemo Andy**, Diretora de Mulher e Saúde na Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

*"Estamos alertas e atentas nesta Marcha que começou no Brasil, mas temos que continuar a lutar, porque é uma oportunidade para todas as mulheres, uma possibilidade, uma opção. O Estado não escuta as mulheres, mas agora, irmãs, nós estamos juntas para reivindicar nossos direitos, porque nós, povos indígenas, somos autônomos".*

**[Peru] Violeta Irey,** Líder da Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

Foto: Ana Mendes, 2021

Foto: Andressa Zumpano, 2019

*"Temos uma enorme responsabilidade enquanto mulheres, especialmente neste momento, [desafiador] de ser mulher e de ser indígena no Brasil. Por isso, precisamos estar presentes no movimento nacional, no movimento das mulheres indígenas, construir alianças com outras mulheres, conhecer outras mulheres e nos fortalecermos juntas".*

**[Brasil] Edilena Torino,** Coordenadora da Coordenação de Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA), durante a I Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"Acredito que as lideranças precisam fazer um plano de trabalho para entregar ao Estado. O que queremos? Politicamente, economicamente? Vejo mulheres de grande caráter, capacidade e poder e todas as mulheres que estão aqui, de vários lugares, me impressionaram, me impactaram. Temos que trabalhar juntas, unir forças e ficarmos juntas, entre todos os países, para ver o que podemos alcançar."*

**"[Peru] Violeta Irey,** Líder da Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

Foto: Ana Mendes, 2021

Foto: Ana Mendes, 2021

Foto: Andressa Zumpano, 2019

*"Estaremos sempre de mãos dadas, para que essa luta seja ouvida por todo mundo, e que esta conquista possa ser alcançada para as nossas gerações futuras."*

**[Equador] Nemo Andy,** Diretora de Mulher e Saúde da Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

*"Nossa luta é de todos, não apenas para os povos indígenas e pelo nosso direito de viver. Nós lutamos pelo futuro da humanidade."*

**[Brasil] Telma Taurepang,** Coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB), em entrevista via Zoom com Hivos, 11 de janeiro de 2021

# CONVITE À AÇÃO

O caminho é longo. Além de reconhecer a contribuição da mulher no cuidado da natureza e na preservação da biodiversidade, não se deve ignorar que ela é a mais suscetível aos impactos da crise climática.

É importante ouvir as vozes das mulheres indígenas e também é fundamental garantir o futuro da Amazônia e, por extensão, da humanidade, unindo-se às lutas dos povos indígenas, respeitando seus modos de vida, valorizando seus saberes e práticas, amplificando e posicionando suas vozes no centro do debate sobre o clima.

Foto: Midia India, 2021

*"O mundo está falando sobre mudança climática e essa é a nossa luta. Temos que cuidar do mundo para que não haja mais destruição, não haja mais poluição, e devemos buscar mais formas de agir, de contribuir com o mundo.*

*Mas essa luta é de todos, não apenas das mulheres. Devemos assumir nosso papel, de homens, de crianças. Isso é importante para mim, porque estamos aqui para proteger a vida. Não queremos morrer, queremos nossos rios, nossas águas limpas e queremos viver livres também".*

**[Equador] Nemonte Nenquimo,** ativista indígena e cofundadora da Alianza Ceibo, durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

Foto: Ana Mendes, 2021

Foto: Andressa Zumpano, 2019

Foto: Nay Jinkinss, 2021

*"A todos os povos do mundo: agora mais do que nunca temos que estar unidos lutando por nossos territórios, por nossos filhos, e pelo futuro do planeta também".*

**[Equador] Nemo Andy,** Diretora da Mulher e Saúde da Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), durante a segunda Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2021)

*"Para mim, a esperança reside na conscientização. Todos os cidadãos do mundo devem dar aos nossos filhos uma nova educação. Não apenas sobre dinheiro, consumismo, capitalismo, mas sobre o valor da água, da terra, das árvores, o valor do que você respira e de como você vive. O valor que damos à natureza, essa é a nossa esperança".*

**[Equador] Sandra Tukup**, ex-Líder Territorial da Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), em entrevista via Zoom com Hivos, 14 de janeiro de 2021

*"Que o governo ouça a voz das mulheres, que sejamos realmente respeitadas. Este é o momento de nos unirmos às mulheres do mundo para definirmos como podemos apoiar todas aquelas que estão na mesma situação, que lutam pela vida, pela vida de seus filhos e pela vida de todo o planeta".*

**[Equador] Nemonte Nenquimo**, ativista indígena e cofundadora da Alianza Ceibo, durante a primeira Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília, 2019)

*"Acredito em um futuro melhor, em que o território possa ser protegido sob a ótica das mulheres indígenas, como parte de sua identidade".*

**[Brasil] Telma Taurepang**, Coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB), em entrevista via Zoom com Hivos, 11 de janeiro de 2021

Foto: Nay Jinkinss, 2021

Hivos
people unlimited

TODOS OS OLHOS NA AMAZÔNIA

Baixe este fotolivro em:

Com o apoio financeiro de:

Supported by players of
PEOPLE'S POSTCODE LOTTERY